

O ESPORTE NOS CURRÍCULOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Marcelo Nunes Sayão

RESUMO

A forma como o esporte é tratado na Educação Física vem sendo objeto de muitas críticas. Apesar disto, poucas mudanças ocorreram na escola ou na formação de professores. As recentes alterações provocadas pelas novas diretrizes curriculares que afetaram a área possibilitaram as licenciaturas repensar como essa prática corporal vem sendo abordada. Este trabalho busca investigar qual o espaço ocupado pelo esporte após a efetivação dessas mudanças a partir de um mapeamento das grades curriculares das licenciaturas em Educação Física da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: esporte; práticas corporais, formação de professores.

ABSTRACT

The way the sport is treated in Physical Education has been the object of much criticism. Despite this, few changes occurred at school or in teachers formation. Recent changes caused by the new curriculum guidelines that affect the area allowed the teachers graduates to rethink that corporal practice is being broached. This study investigate what the space occupied by sport after the realization of these changes from a mapping of the curriculum of grades for teachers graduate courses in Physical Education from Rio de Janeiro city.

Word key: sport, corporal practices, teachers formation.

RESUMEN

La forma en que el deporte se trata en la Educación Física ha sido objeto de muchas críticas. A pesar de ello, pocos cambios se produjeron en la escuela o en la formación de profesores. Los recientes cambios provocados por el nuevas directrices curriculares que afectan a la zona permitió a los cursos de licenciatura repensar las prácticas corporales que se está abordando. Este estudio investigará cuál el espacio ocupado por el deporte después de la realización de estos cambios a partir de una cartografía de los currículos de las licenciaturas em la Educación Física en la ciudad del Rio de Janeiro.

Palabras clave: deportes, prácticas corporales, formación de profesores.

INTRODUÇÃO

Nos últimos 30 anos o meio acadêmico da Educação Física brasileira produziu inúmeros trabalhos sobre a presença do esporte como conteúdo da Educação Física, muitos deles, contendo críticas à forma como a relação entre essa prática e a disciplina era estabelecida e apontando possíveis caminhos para alterá-la.

Nesse tempo, o principal objeto das análises e críticas tem sido a escola. Na maioria dos trabalhos que tratam dessa relação o foco das análises e das proposições está na escola. Alguns exemplos são: Coletivo de Autores (1993), Kunz (2000), Assis de Oliveira (2001), Caparroz (2001) e Hildebrandt-Stramann (2005). Nesses trabalhos,

o esporte é reinventado, transformado didático-pedagogicamente, ressignificado, pensando, prioritariamente, na sua aplicação na escola.

Entretanto, apesar da ênfase na escola, a formação de professores também tem sido foco de análises acerca dessa relação. Mesmo com uma produção comparativamente menor, reflexões e propostas foram elaboradas abordando o trabalho com o esporte na formação inicial. Em muitas delas, reaparecem as mesmas críticas apontadas nas análises dessa prática social na escola, indicando a existência de um “domínio” do esporte sobre a prática pedagógica da Educação Física. Entre eles podemos citar os trabalhos de Castellani Filho (1998), Daolio (1998), Pires e Neves (2002) e Gonzales (2004).

Assim, parece que as dificuldades presentes na formação de professores não são muito diferentes das encontradas na escola. Por outro lado, recentes mudanças provocadas pela entrada em vigor das novas diretrizes curriculares para os cursos de licenciatura e de graduação em Educação Física obrigaram as instituições de ensino superior a alterar as estruturas de seus cursos. Essas modificações possibilitaram que alguns cursos de licenciatura, a partir de uma reflexão sobre seus projetos pedagógicos, buscassem realizar transformações nas relações estabelecidas entre o esporte e a Educação Física. Nesse processo, currículos e práticas pedagógicas foram repensados visando à conformação de novas diretrizes político-pedagógicas para a formação de professores.

Buscando analisar estas mudanças, apresentamos uma investigação inicial feita nas grades curriculares dos cursos de licenciatura. Acreditamos que esta abordagem já nós dá alguns indícios de como se estabelecem as relações entre o esporte e a Educação Física em cada curso. Antes disso, consideramos necessário apresentar, de forma sucinta, as características assumidas hegemonicamente por esta relação, um breve resumo das principais críticas dirigidas à mesma e uma síntese da discussão sobre a relação entre o esporte e a Educação Física na formação de professores.

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Para delimitar o campo de atuação da prática pedagógica em Educação Física, partimos do pressuposto que esta disciplina curricular trata dos conhecimentos relativos ao corpo e ao movimento humano produzidos historicamente e culturalmente pelo Homem (Betti 1991, Coletivo de Autores 1993, Soares 1996, Bracht 1997, Darido & Rangel 2005). Sendo assim, acreditamos que exista uma diversidade de práticas corporais que poderiam fazer parte de uma proposta curricular para a Educação Física. Partindo desta diversidade, a disciplina, utilizando critérios culturais, históricos, políticos e pedagógicos, poderia selecionar os conteúdos para compor os currículos dos sistemas de ensino, da escola e da formação de professores. No entanto, apesar da variedade de possibilidades, um elemento dessas práticas vem, historicamente, se impondo quase como um conteúdo único na Educação Física: o esporte.

Esse fato é fruto de um processo no qual essa prática corporal passa a ser associada diretamente a Educação Física, da qual se tornou quase um sinônimo. Segundo Bracht (2000), em um primeiro momento, a visão hegemônica da Educação Física incorpora o esporte como um instrumento útil na busca dos seus objetivos: o desenvolvimento da aptidão física e a formação do caráter. No entanto, posteriormente, o esporte inverte esta relação ao subordinar os objetivos da Educação Física aos objetivos do sistema esportivo. Dessa forma, o desenvolvimento da aptidão física e a

formação do caráter passam a ser consequências de um processo maior: desenvolver e formar atletas para dentre estes selecionar os melhores para competir em alto nível. De acordo com o autor, esta inversão, ao invés de gerar críticas, foi bem recebida pela Educação Física, já que foi considerada como um elemento de valorização da disciplina. Afinal, entre outras coisas, o esporte produzia ídolos, e estes serviam como modelos que disseminavam, divulgavam e valorizavam o próprio esporte e a sua associada: a Educação Física.

A associação entre o esporte e a Educação Física nesta conjuntura serviu para fortalecer os dois lados. Para o esporte, a Educação Física era o elemento que possibilitava a entrada desta prática na escola e o reconhecimento das suas possibilidades pedagógicas, fortalecidas ainda mais pelo discurso da promoção da saúde através da educação. Já para a Educação Física, o esporte era uma atividade com prestígio crescente que, ao reforçar a sua “função social” de desenvolver a aptidão física (e a saúde) e formar o caráter (e preparar o indivíduo para a uma sociedade competitiva e hierarquizada), contribuía para a sua legitimação como componente curricular. Visto como um elemento fundamental na formação dos indivíduos, tanto pelo trabalho corporal quanto pelos valores intrínsecos que difundia, o esporte adentrou com força os currículos e foi alçado a posto de essência da disciplina. Dessa forma, passou a ser inconcebível pensar a Educação Física sem o esporte.

A partir dos anos 80, críticas feitas à forma como o esporte vinha sendo trabalhado na escola ganharam espaço na Educação Física brasileira. Essas críticas apontaram para o excessivo espaço dado ao mesmo e para a transformação desta prática no elemento justificador da existência da Educação Física como disciplina escolar. Além disso, se referiram também ao caráter alienante, excludente, utilitário e mercadológico que o esporte assumiu no interior da Educação Física. (Bracht, 1986; Castelani Filho, 1988; Betti, 1991; Coletivo de Autores, 1993; Kunz, 2000; Assis de Oliveira, 2001).

Resumindo as críticas dirigidas ao esporte, Assis de Oliveira (2001) considera que estas contêm duas dimensões articuladas. A primeira aponta que à relação estabelecida entre o esporte e a educação física na escola se baseia em uma exclusividade (só existem esportes no currículo), uma primazia (muito mais espaço e tempo) e uma hierarquia na organização (as outras práticas são organizadas na mesma lógica dos esportes). Já a segunda dimensão apontada pelo autor tem dois aspectos: um se constitui pela produção e difusão dos valores característicos da sociedade capitalista; o outro diz respeito à subordinação da Educação Física escolar à lógica do sistema esportivo de alto rendimento.

Analisando estas críticas, Caparroz (2001) chama atenção para o perigo de se incorrer em reducionismos, não levando em consideração nestas análises outros elementos para além daqueles que consideram o esporte como um reflexo das estruturas econômicas, políticas e sociais. Considera que uma visão mecanicista do esporte pode levar a uma visão distorcida do mesmo e a negação da sua importância como prática corporal construída socialmente. Teme que mediante as análises reducionistas surjam interpretações equivocadas que defendam a exclusão do esporte do currículo escolar ou a sua transformação em algo que não seria mais esporte.

Entretanto, apesar de considerar que as críticas feitas precisam ser relativizadas e reavaliadas, Caparroz (2001) reconhece que parte delas continua procedente e reforça a necessidade de realizar uma transformação na relação entre o esporte e a Educação Física. Na verdade, o autor chama a atenção para o curto alcance das críticas, já que, as alterações provocadas no cotidiano das aulas de Educação Física são apenas isoladas e

pontuais. Dessa forma, fica patente que, apesar das reflexões, críticas e proposições, ainda se mantém a predominância do esporte e a necessidade de se pensar a relação estabelecida entre esta prática corporal e a disciplina em todas as dimensões apontadas por Assis de Oliveira (2001).

A partir desta constatação um questionamento se impõe: qual o efeito dessas críticas na formação de professores? De outra forma, como vem se dando à relação entre o esporte e a Educação Física na universidade, espaço de produção e difusão dessas críticas? Existem avanços significativos ou a realidade é semelhante a da escola? É o que iremos observar adiante.

O ESPORTE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Segundo Caparroz (2001), grande parte da intelectualidade acadêmica da Educação Física incorporou as críticas dirigidas ao esporte. Com isso, essas idéias se propagaram na área e se fizeram presente em inúmeras pesquisas, publicações, congressos, cursos, entre outros espaços. Essa propagação nos faz pensar que, pelo menos no espaço acadêmico, os quase trinta anos de críticas e debates seriam suficientes para provocar mudanças significativas. Assim, era de se esperar que tanto o trato pedagógico quanto o espaço ocupado pelo esporte nos currículos dos cursos de formação de professores retratassem algum avanço. No entanto, não é isto que revelam os trabalhos sobre o tema.

Castellani Filho (1998) aponta que as disciplinas esportivas se restringem a ensinar e, ensinar a ensinar, as técnicas necessárias para se praticar uma determinada modalidade. Abordando o futebol, observa que o conhecimento transmitido visa ensinar a jogar, conhecer as regras, as técnicas e as táticas do jogo e transmitir as práticas pedagógicas necessárias para passar esse conteúdo adiante. Dessa forma, podemos considerar que, exceto pelo ensinar a ensinar, esses conhecimentos são os mesmos que seriam utilizados por um treinador do esporte. Ou seja, a formação de professores está gerando treinadores que, se repetirem a fórmula, estarão formando possíveis jogadores e não indivíduos que conseguem conhecer e praticar o esporte compreendendo o seu sentido social. Sendo assim, fica claro que ao se ater a esses conteúdos, a formação de professores está em sintonia com as análises que apontam a submissão da Educação Física aos objetivos do esporte.

Daólio (1998) ressalta a importância de se pensar o esporte como um fenômeno social. Considera, porém, que as faculdades de Educação Física não tratam o fenômeno esportivo em todas as suas dimensões, pois priorizam a dimensão técnica. Para o autor, o que a formação de professores tem feito é “mero cumprimento e repetição das sequências de fundamentos da modalidade” (p. 114), semelhante ao que se faz nos clubes para a preparação de novos atletas. Não existe diferença do que é feito nos clubes para o que se faz na escola e na formação de professores. Mais uma vez, a lógica do sistema esportivo prevalece por meio da priorização da dimensão técnica e não “propicia a discussão do esporte como parte da cultura humana” (p. 113).

Outro ponto importante diz respeito à presença do esporte no currículo dos cursos de formação. Daólio considera essa prática como uma expressão cultural sujeita a um processo dinâmico de transformações, que deve ser estudada como um todo e não isoladamente em modalidades. Afirma preferir trabalhar com uma pedagogia dos esportes ao invés de uma pedagogia para cada um deles, pois compreende que existem similaridades que possibilitariam a formação de grupos de modalidades. Apresenta então uma proposta para agrupar as disciplinas esportivas que diminuiria a sua

quantidade. Essa reorganização vai de encontro às críticas que apontam à existência de uma hegemonia dos conteúdos esportivos. Apesar de não tratar deste tema, Daólio contribui com esta questão ao afirmar que considera os esportes como “um dos quatro ou cinco grandes conteúdos da Educação Física, juntamente com a dança, a ginástica o jogo e a luta” (p. 112). Com isso, acreditamos ser razoável inferir que estes outros conteúdos deveriam ter um número de disciplinas suficientes para que o futuro professor pudesse compreendê-los como parte da cultura humana.

Pires e Neves (2002) endossam as críticas que apontam a sobreposição entre o esporte e a Educação Física e a necessidade de combater a utilização dos princípios do esporte de rendimento nas aulas. De forma semelhante aos autores anteriores, constata-se na formação de professores a predominância do aprendizado das técnicas esportivas e a ausência de situações de ensino que desenvolvam “o saber/pensar e o saber/sentir” (p. 63). A partir daí, os autores concordam que é preciso realizar uma transformação do esporte para romper com a atual supremacia do saber/fazer na prática pedagógica. Afirmam ainda que a limitação do trato pedagógico do esporte aos seus aspectos técnicos “significa uma redução do conjunto de possibilidades de formação cultural que a devida tematização e inserção crítica na cultura esportiva pode proporcionar” (p. 71). Pires e Neves questionam então se esta mudança não deve alcançar também a formação acadêmica e procuram visualizar formas de tratar o conhecimento sobre os esportes que propiciem a compreensão das múltiplas manifestações do mesmo.

Gonzales (2004) apresenta uma série de trabalhos que analisam o tratamento dado ao esporte nas disciplinas esportivas dos cursos de formação de professores. Nestes, são apresentadas as características mais comuns das disciplinas esportivas nos cursos de graduação. Em todos aparece o predomínio do ensinamento dos gestos técnicos e a valorização do saber/fazer, assim como a separação de movimentos em seqüências de fundamentos básicos. Prevalece a lógica de que aprendendo a fazer se consegue aprender a ensinar. Dessa forma, os ensinamentos passados estimulam a repetição de rotinas sem espaço para a reflexão crítica, levando a uma provável reprodução de comportamentos pelo futuro professor. Complementando os aspectos necessários para jogar, o aprendizado das regras e das táticas também tem presença marcante nas aulas. Ainda nos trabalhos analisados aparecem críticas sobre a falta de abordagem do esporte como um elemento social, que deve ser compreendido em todas as suas dimensões. Finalizando as características apresentadas, aparece o alerta para a reprodução dos valores hegemônicos da sociedade vigente através da prática pedagógica das disciplinas esportivas, contribuindo para a adaptação passiva ao sistema social dominante. Mais uma vez, estão presentes e ratificadas as críticas dirigidas à relação entre o esporte e a Educação Física.

Em trabalho recente, Coutinho e Silva (2009) investigaram a adoção de métodos de ensino para os esportes coletivos nos cursos licenciatura em Educação Física. Inicialmente, apresentam sete métodos, entre eles o denominado tradicional tecnicista que se baseia no treinamento desportivo e valoriza o aprendizado da técnica por meio da repetição de movimentos fragmentados. A partir daí, os autores buscaram verificar a adoção e o nível de conhecimento dos diferentes métodos entrevistando 17 professores. Quanto ao conhecimento, 100% dos professores disseram conhecer bem ou muito bem o método tradicional tecnicista, enquanto os outros tiveram percentuais baixos. Em relação à adoção, 82,5% afirmaram utilizar o método tradicional e 17,5% mencionaram usar um misto de métodos. Segundo os autores, os resultados da pesquisa deixam claro como o método tecnicista está enraizado na formação de professores, e como é alta a desinformação sobre os outros métodos.

Com isso, consideramos que é correto estender a afirmação do limitado efeito de transformação do real alcançado pelas críticas, feita por Caparroz (2001), também para a formação de professores. Afinal, o que se apresenta nos trabalhos que abordam o tratamento do esporte nesse campo de atuação não difere muito do que acontece na escola. Já em relação às dimensões da crítica resumidas por Assis de Oliveira (2001), nem todos os aspectos aparecem nos trabalhos relatados. Duas delas estão presentes em quase todos. São: a subordinação da Educação Física a lógica do sistema esportivo de alto rendimento e a transmissão de valores convergentes com a sociedade atual. Para analisar a crítica que aponta uma tendência de utilização do esporte como referência para as outras práticas corporais seria necessário analisar outras disciplinas além das esportivas. Quanto às outras duas, que tratam da quantidade de práticas pedagógicas ligadas ao esporte (exclusividade e primazia), pouco foi dito na maioria dos trabalhos, a exceção de Gonzales (2004).

Esse autor constata uma diminuição da presença das disciplinas esportivas nos cursos de formação em Educação Física. Em um primeiro momento, esse dado pode passar a idéia de que, pelo menos nesses cursos, as mudanças curriculares efetuadas estariam levando a superação da exclusividade e da primazia do esporte. Isso porque a ampliação do espaço para outras práticas corporais, e também para outras disciplinas, poderia dar a entender que os currículos estariam apresentando um equilíbrio maior entre a diversidade de práticas corporais existentes.

No entanto, consideramos necessária a adoção de uma análise mais cuidadosa na observação desse processo, apesar de concordar que as referidas alterações possibilitaram uma redução da presença do esporte nos currículos. Afinal, esta pode não ter significado o fim da primazia dessa prática no currículo e, além disso, até ajudado a consolidar a hegemonia esportiva, mesmo que em menor grau. Isso porque a permanência da superioridade do esporte após a reformulação poderia ser interpretada como uma afirmação imperiosa da sua necessidade.

Dito isso, passamos agora ao resultado de uma pesquisa que cataloga as disciplinas que abordam as diferentes práticas corporais como tema nos currículos dos cursos de formação de professores de Educação Física. Com esses dados temos a intenção de comparar e analisar a presença das disciplinas esportivas com as das demais práticas corporais existentes na grade curricular.

ESPORTE E CURRÍCULO

Dentre os cursos que alteraram suas estruturas devido às novas diretrizes curriculares para as licenciaturas e para os cursos de graduação em Educação Física¹, alguns apresentaram o interesse em buscar alternativas para transformar as relações hegemonicamente estabelecidas entre o esporte e a Educação Física. Partindo desse ponto, elaboramos uma pesquisa que tem como principal objetivo investigar um curso de licenciatura da área, em processo de criação ou transformação. Em um primeiro momento, realizamos um mapeamento para identificar as licenciaturas que explicitaram essa intenção para, posteriormente, selecionar o curso a ser investigado. Buscando observar a proposta pedagógica e a grade curricular dos cursos para encontrar o nosso

¹ O parecer 009/2001 e as resoluções 01/2002 e 02/2002 versam sobre as novas diretrizes curriculares para os cursos de formação de professores da educação básica. Já 07/2004 e o parecer 058/2004 tratam das diretrizes curriculares para a graduação em Educação Física.

objeto, nos deparamos com a presença maciça do esporte nos currículos e sentimos a necessidade de refletir sobre a mesma.

Nesse sentido, apresentaremos aqui as informações referentes ao esporte como tema nas disciplinas obrigatórias das grades curriculares dos cursos. Buscaremos, ao analisar a grade curricular, comparar a presença das disciplinas com temática esportiva com a de disciplinas que abordam outras práticas corporais. Para realizar a nossa pesquisa optamos por dar preferência às universidades públicas por acreditar que as mesmas têm uma responsabilidade social maior do que as universidades particulares. No entanto, no mapeamento, ampliamos a nossa observação para os cursos de faculdades privadas situados na cidade do Rio de Janeiro ².

O resultado aparece no quadro abaixo:

Disciplinas Universidades	ESPORTES	total	PRÁTICAS CORPORAIS	total
UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Desportos coletivos I, II, III, IV e V, desportos individuais I, II, III, IV e V, Teoria dos desportos coletivos, Teoria dos desportos individuais e treinamento desportivo.	13	Ginástica geral e analítica I e II, folclore, dança, recreação e treinamento contra resistência.	6
UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro	Fundamentos do atletismo, basquete, handebol, vôlei, ginástica artística, futebol e natação e Práticas da natação.	8	Capoeira, Ginástica e Folclore.	3
UFRRJ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Atletismo, natação, futebol de campo, ginástica artística, handebol, judô, vôlei, basquete, tênis e treinamento desportivo.	10	Dança e Recreação	2
UFF Universidade Federal Fluminense	Esporte e Jogo I, II, III e IV.	4	Expressão corporal, lutas I e II, Atividades aquáticas I e II, atividades extramuros e Acrobacia e malabarismo.	7
Estácio de Sá	Ginástica artística, natação, atletismo, esportes de combate, handebol, futsal, vôlei, basquete.	8	Recreação e folclore/dança.	2
Unisuam Centro Universitário	Atletismo, basquete, ginásticas desportivas, handebol, futsal, vôlei e treinamento desportivo.	7	Dança, jogo, ginástica, capoeira, folclore e luta.	6

² 12 instituições estão habilitadas pelo Ministério da Educação para oferecer o curso de Educação Física na cidade do Rio de Janeiro. Dos cursos relacionados não tivemos acesso às grades do Centro Universitário Bennet e da Faculdade Integradas de Jacarepaguá.

Augusto Motta				
Celso Lisboa	Futsal, handebol, basquete, vôlei, atletismo, natação, violência no esporte e treinamento desportivo.	8	Dança, ginástica, folclore, capoeira, recreação, lutas e treinamento de força.	7
UniverCidade	Handebol, futsal, vôlei, basquete, atletismo, natação, ginástica olímpica.	7	Rítmica, jogo, ginástica, ginástica e luta na escola e dança e folclore na escola.	5
Moacir Bastos	Desporto escolar I, II e III, desporto de combate I, II e III e treinamento desportivo.	7	Atividades aquáticas I e II, atividade física e natureza, recreação, ginástica, rítmica e folclore.	7
Mercúrio	Natação, vôlei, atletismo, basquete, futebol e futsal, handebol e treinamento desportivo.	7	Expressão corporal, folclore, ginástica, jogo e recreação.	5
Castelo Branco	Atletismo, vôlei, handebol, basquete, e futebol.	5	Recreação, dança, corfebol, atividades aquáticas, lutas e atividades rítmicas e expressivas,	6
Gama Filho	Basquete, futebol I e II, handebol, judô, natação, ginástica olímpica e vôlei.	8	Ginástica I e II, jogo, dança, folclore, capoeira, e musculação.	7

Inicialmente, observamos que não existe a exclusividade do esporte no currículo, mas, a primazia, já que, do total de doze faculdades relacionadas, nove delas tem um número maior de disciplinas esportivas em comparação com a soma das outras práticas corporais. Nas outras três, existe empate na Moacir Bastos, uma a mais de práticas corporais na Castelo Branco e, uma superioridade de sete práticas corporais para quatro esportivas na UFF. É importante notar que neste curso, as quatro disciplinas que tratam do esporte poderiam igualmente fazer parte do rol das que abordam as outras práticas corporais, já que, incluem conjuntamente o jogo.

Chama a atenção ainda, a diferença apresentada nas outras universidades públicas. Nas três, o número de disciplinas esportivas é bem superior ao da soma das outras práticas corporais. Na UFRRJ, o número de disciplinas esportivas é cinco vezes maior. Na UFRJ é quase três vezes maior. E, na UERJ, o número das disciplinas de práticas corporais não chega à metade das esportivas. Esses dados dão indícios de como ainda é marcante a hegemonia do esporte na formação de professores.

Já nas universidades particulares, com exceção da Estácio de Sá, houve um maior equilíbrio entre os conjuntos de disciplinas. É interessante notar que, a união de diferentes lutas em uma ou duas disciplinas sobre o tema, e do mesmo modo, a junção de atividades aquáticas também em uma ou duas disciplinas, foi muito importante na obtenção desse equilíbrio. Do total de cursos, oito utilizaram à reunião de práticas corporais em uma única disciplina. Três cursos agruparam diferentes atividades aquáticas em disciplinas que levam este nome.

Com isso, práticas corporais como lutar ou se movimentar em meio líquido passaram a substituir disciplinas tradicionalmente esportivas como natação, nado sincronizado, judô, karate, entre outras. Essa organização chama atenção para a necessidade de diferenciar práticas corporais de esportes. É importante reconhecer que lutar não é sinônimo de praticar uma modalidade esportiva. O ensino e a prática de lutas são muito anteriores ao surgimento das mesmas. Assim, entendemos que abordar as lutas como tema pode ser uma maneira de desassociar esta atividade da prática esportiva. Por isso, consideramos as disciplinas chamadas de lutas como não esportivas. Por outro lado, a valorização da técnica esportiva apontada nos trabalhos aqui apresentados nos faz pensar que esta dissociação dificilmente ocorre quando um estilo de luta é trabalhado isoladamente. O mesmo pode ser dito sobre as disciplinas “Atividades Aquáticas”, já que, nadar e praticar o esporte natação também não são sinônimos.

Em um único caso ficou explícita a disposição de tratar as lutas como esporte. Referimo-nos ao curso que reuniu estas atividades sob a denominação “Desportos de combate”. Temos consciência de que só a denominação não nos dá certeza para saber se as outras licenciaturas tratam as lutas e as atividades aquáticas como práticas corporais, ou se ainda tratam-nas como esportes. Para esclarecer esta dúvida teríamos que investigar as ementas e observar as aulas. Afinal, como já foi apontado nas críticas, até mesmo práticas que não são esportes podem ser tratadas como tal. De qualquer forma, consideramos que essa mudança aponta dois aspectos interessantes. Primeiro, o questionamento da associação, quase imediata, entre uma prática corporal e uma modalidade esportiva. Segundo, à desorganização na lógica que aponta para a necessidade de cada disciplina ensinar uma técnica específica para uma prática, seguindo os princípios de especialização característicos do esporte de alto rendimento.

Daólio (1998) e Gonzales (2004, 2007) criticam a separação dos esportes em disciplinas específicas para cada modalidade e apresentam propostas para integrá-las em grupos. Apesar das diferenças entre as mesmas, podemos considerar que, para estes autores, essa mudança representa um caminho efetivo de transformação da relação entre a Educação Física e o esporte.

Como já foi dito anteriormente, para Daólio (1998) seria possível conformar uma pedagogia dos esportes a partir das características semelhantes dos mesmos. Essas semelhanças possibilitariam a reunião de modalidades com característica afins sob uma mesma prática pedagógica e ampliariam a abrangência do trabalho do professor para um número maior de modalidades. Segundo o autor, isso seria possível porque a ação docente não se basearia mais na repetição de rotinas de fundamentos para cada esporte a serem aprendidas na formação. Nessa nova lógica, o futuro professor, a partir da compreensão ampla do fenômeno esportivo e do domínio da pedagogia dos esportes, seria capaz de identificar a melhor forma de tratar uma modalidade de acordo com as suas características. Combate-se assim, a excessiva valorização da técnica e a tendência, ainda hegemônica, de se realizar um treinamento para fazer dos alunos possíveis novos atletas. Sem pretender propor um novo currículo, Daólio apresenta uma possível subdivisão para as modalidades que seriam: individuais, coletivas, aquáticas, que utilizam implementos, radicais e lutas.

Gonzales (2004, 2007) debate a proposta que reformulou o currículo da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ – e deu uma nova organização para o trato do esporte no curso de Educação Física. Segundo esta proposta, o esporte passa a ser considerado como um campo de estudos que integra as diversas disciplinas. Dessa forma, contribui para uma melhor compreensão do fenômeno e

rompe com o isolamento das tradicionais disciplinas divididas por modalidades. Além disso, adota como eixo articulador desse campo o processo de mediação efetivado pelo professor na sua prática pedagógica, e não o esporte como conteúdo em si mesmo. Segundo Gonzales (2004, 2007), é o processo de mediação realizado pelo professor que pode propiciar a compreensão do aluno sobre o fenômeno esportivo e possibilitar a sua participação crítica e autônoma no esporte. Para dar prosseguimento às mudanças, a proposta busca agrupar os esportes por suas características comuns. As disciplinas formuladas são constituídas tomando como referência um tema de estudo sobre o fenômeno esportivo, e uma determinada modalidade específica é selecionada para ser utilizada como parâmetro e exemplo concreto para esse tema³. Ao utilizar as tematizações, e uma modalidade como exemplo, a proposta pretende possibilitar aos alunos a capacidade de abstrair e operar conceitos que permitam ao mesmo vincular as questões debatidas a quaisquer outras modalidades de características semelhantes. A partir daí, entende-se que o futuro professor poderá transferir este conhecimento para qualquer prática esportiva e, assim, trabalhar até mesmo com aquelas que não foram abordadas na sua formação.

A proposta do curso da UNIJUÍ, apresentada por Gonzales (2004), apesar de reunir as modalidades esportivas em grupos, ainda mantém um grande número de disciplinas esportivas (onze) em comparação as de outras práticas corporais (sete). Assim, se por um lado procura transformar o tratamento dado ao esporte, por outro, mantém uma hegemonia do mesmo como conteúdo. Esse fato nos remete as seguintes questões: manter a primazia dada às disciplinas esportivas não é uma forma de preservar a atual posição privilegiada do esporte na Educação Física? Ou ainda, mesmo com um tratamento diferenciado da relação entre o esporte e a Educação Física é justificável haver um número maior de disciplinas esportivas em relação à de outras práticas corporais?

É indiscutível a importância e a projeção alcançadas pelo esporte na sociedade atual. Em todos os trabalhos que analisam o esporte citados aqui, os autores reconhecem a relevância dessa prática corporal como elemento da cultura, e o seu potencial educacional. Nenhum deles defende a retirada do esporte dos currículos, muito pelo contrário, existe uma preocupação de que as críticas pudessem levar ao equívoco de suprimi-lo da escola (Bracht, 2000; Caparroz, 2001). É patente o reconhecimento do esporte como um elemento educativo, capaz de formar indivíduos críticos que possam se confrontar com a valorização do rendimento, do individualismo e da competitividade dominantes no esporte e na sociedade.

No entanto, é importante ressaltar novamente que a hegemonia dos esportes sobre as outras práticas corporais também é recorrente nas críticas. Assim, ao mesmo tempo em que reafirmamos a importância da sua presença nos currículos de Educação Física, não podemos deixar de apontar o pouco espaço ocupado pelas outras práticas. É evidente que um professor de Educação Física deve compreender o fenômeno esportivo em todos os seus aspectos, além de ser capaz de mediar o processo de ampliação desses conhecimentos pelos alunos. Por outro lado, temos que repudiar um senso comum que considera bem formados (sejam professores ou alunos), aqueles que conhecem muito sobre esporte, mas quase nada sobre as outras práticas. Afinal, as ginásticas, as lutas, as

³ Os temas estudados e o número de disciplinas em que se dividem são: estrutura dos esportes I e II, etapas da formação esportiva, metodologia de ensino dos esportes I, II e III, pedagogia do Esporte I e II, planejamento da formação esportiva, dimensões psicossociais dos esportes e dimensões histórico sociais dos esportes. (Gonzales, 2004)

danças, os jogos, as brincadeiras, entre outras práticas corporais, também são produções culturais fundamentais para a sociedade e devem ser reconhecidas e analisadas como tal.

Se o futebol é um elemento cultural extremamente relevante na sociedade brasileira, justificando sua presença nos currículos, o que dizer da capoeira? Será a capoeira menos importante do que o handebol ou o basquete? Se não é, por que em nove das grades curriculares analisadas existe uma disciplina exclusiva para essas duas modalidades e somente em quatro delas aparece uma disciplina para a capoeira? Não queremos com isso desmerecer o handebol ou o basquete, mas demonstrar que enquanto estes têm um lugar consolidado na formação de professores, outras práticas corporais não esportivas, com igual ou maior relevância cultural, não gozam da mesma projeção.

A nosso ver, essa consolidação do espaço do esporte nas grades curriculares ainda mostra a associação entre o esporte e a Educação Física apontada por Bracht (2000), e já comentada aqui. Segundo esta lógica, o esporte é o principal conteúdo a ser adquirido e trabalhado na formação de professores e na escola. É natural que seja assim, pelo número de modalidades, pela sua importância, pela sua projeção, pelo seu poder educativo etc. Estas justificativas conferem ao esporte, e a sua primazia, um caráter quase ontológico, perene, pois não consideram o processo histórico e social que constituiu esta prática e suas relações com a Educação Física. Estamos diante de uma naturalização. Por meio desta, são atribuídas características fixas ao esporte e a relação do mesmo com a Educação Física. Por meio desta, é justificável uma maior presença do esporte nas grades curriculares, seja dividido em modalidades, por suas características, ou tema.

CONCLUINDO

Em um primeiro momento, analisar as grades curriculares dos cursos de licenciatura pode parecer uma tarefa menor. Afinal, é certo que uma mudança dos nomes das disciplinas não garante um tratamento diferenciado do esporte. Desse modo, poderíamos pensar que, independentemente da forma como as disciplinas esportivas se apresentam, ressignificar, transformar ou reinventar o esporte seria suficiente para alterar a relação entre o mesmo e a Educação Física. Porém, como demonstra a proposta da UNIJUÍ, um tratamento diferenciado pode não modificar a supremacia do esporte sobre as outras práticas corporais.

Sendo assim, utilizando as diferentes dimensões das críticas ao esporte apresentadas por Assis de Oliveira (2001) como base, consideramos necessário associar um trato diferenciado do esporte a um questionamento da sua presença majoritária nos currículos. Ainda tomando essas mesmas críticas como referência, concordamos que transformar a relação do esporte com a Educação Física é uma necessidade premente. Nesse sentido, acreditamos que a condensação das disciplinas esportivas em grupos pode ser um passo importante. Contudo, entendemos que manter inalterada a proporção entre o esporte e as demais práticas corporais contribui para manter a supremacia esportiva. Por outro lado, buscar equilibrar a presença do esporte já na grade curricular pode provocar estranhamento, reflexão e inquietação. Elementos potencializadores de mudanças. E mais, aprofundar estas modificações, alterando radicalmente a grade como no caso da UFF, pode contribuir para o processo de desnaturalização da presença majoritária e hegemônica do esporte na Educação Física.

REFERÊNCIAS

- ASSIS DE OLIVEIRA, S. *Reinventando o Esporte: possibilidades da prática pedagógica*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BETTI, M. *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRACHT, V. A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo... capitalista. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Paulo: v.7, n.2, p. 62-68, jan. 1986.
- _____. Educação Física: conhecimento e especificidade. In: SOUZA, E. S. & VAGO, T. M. *Trilhas e Partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Cultura, 1997.
- _____. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Movimento*, Porto Alegre, n 12, p. XIV-XXIV, jul. 2000.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.
- _____. *Política educacional e Educação Física*. São Paulo: Autores Associados, 1998.
- CAPARROZ, F. E. O Esporte como conteúdo da Educação Física: uma “jogada desconcertante” que não “entorta” só nossas “colunas”, mas também nossos discursos. *Perspectivas em Educação Física Escolar*. Niterói, v.2, n.1 suplemento, 31-47. 2001.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1993.
- COUTINHO, N. F. e SILVA, S. A. P. S. Conhecimento e aplicação de métodos de ensino para os jogos esportivos coletivos na formação profissional em Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v.15, n 1, p. 123-150, jan/mar 2009.
- DAÓLIO, J. Fenômeno social esporte na formação de professores de Educação Física. *Revista de Educação Física/UEM*. Maringá, 9 (1), p. 111-115, 1998.
- DARIDO, S. C. e RANGEL, I. C (coord.) *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- GONZALES, F. J. O Estudo do esporte na formação superior em Educação Física: construindo novos horizontes. *Movimento*. Porto Alegre 10 (1) p. 213-229, 2004.
- _____. Potencialidades e limites de uma proposta alternativa de estudo do esporte na formação superior em educação física: olhares de professores e acadêmicos. IN: *XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Anais)*, 2007, Recife, 2007.
- HILDEBRANDT-STRAMANN, R. *Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física*. 3ª ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 2000.
- PIRES, G. D. L.; NEVES, A. O trato com o conhecimento esporte na formação em Educação Física: possibilidades para a sua transformação didático-pedagógica. IN: KUNZ, E. (org.) *Didática da Educação Física 2*. Ijuí: Unijuí, 2002.
- SOARES, C.L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, supl. 2, p. 6-12, 1996.

Marcelo Nunes Sayão
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia/RJ
Campus Paracambi